

OS DESAFIOS DA CONJUGALIDADE NA PANDEMIA DE COVID-19

THE CHALLENGES OF CONJUGALITY IN THE COVID-19 PANDEMIC

Juliana Beatriz Ferreira de Souza¹

Kelma Assunção Sousa Lacerda de Almeida²

Isabel Cristina Gomes³

Resumo: A pandemia de COVID-19 pode ser vista como uma das maiores crises já enfrentadas pelos casais e famílias, na atualidade. Diante disso, o presente artigo visa discutir a natureza dos conflitos conjugais nesse contexto. A hipótese é a de que esses conflitos entre os casais são decorrentes da existência simultânea de dois modelos de conjugalidade: o tradicional e o igualitário, associados à dinâmica de funcionamento inter e intrapsíquico de cada um, e à vertente da transmissão psíquica. Tendo como referencial teórico a Psicanálise Vincular, os estudos psicossociais e textos sobre a pandemia, como material de análise foram utilizadas vinhetas clínicas e relatos de casais de classe média urbana divulgados na mídia. Assim, depreendemos que a maior convivência entre os pares colaborou para que aspectos encobertos fossem revelados, ocasionando conflitos nos pactos anteriormente estabelecidos e na organização da nova rotina. Enquanto alguns se separaram, outros procuraram terapia, e outros puderam repactuar.

Palavras-chave: Conjugalidade; Pandemia; Conflitos conjugais; Isolamento social.

Abstract: The COVID-19 pandemic can be seen as one of the biggest crises faced by couples and families to date. This article aims to discuss the nature of marital conflicts in this specific situation. The hypothesis would be that these conflicts between couples are due to the simultaneous existence of two models of conjugality: the traditional and the egalitarian, associated with the dynamics of inter and intrapsychic functioning of each, and the aspect of psychic transmission. Based on the theoretical Linkage Psychoanalysis, psychosocial studies and texts about the pandemic, clinical vignettes and reports from urban middle class couples in the media will be used as analysis material. We infer that the increased cohabitation between the pairs has contributed to uncovering hidden aspects, causing conflicts and difficulties in the previously established pacts and in the organization of a new routine. While some separated, others sought therapy, and others were able to renegotiate.

Keywords: conjugality; pandemic; marital conflicts; social isolation

1 Introdução

O ano é 2020, mais precisamente mês de março quando a pandemia de COVID-19 assolou a todos nós e ao planeta. Nesse contexto, houve a passagem de uma vida experienciada do lado de fora para uma vida do lado de dentro, ocasionando uma maior convivência entre aqueles que moravam juntos. Para casais e famílias, a convivência se intensificou ou ocasionou distâncias entre aqueles que moravam em casas diferentes e,

¹ Mestra em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), IP-USP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: souza.jbf@gmail.com

² Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), IP-USP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: kelma.assuncao@uol.com.br

³ Livre-Docente e Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), IP-USP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: isagomes.usp@gmail.com

até mesmo, contribuiu para a dissolução de algumas relações. Mas não somente, pois, segundo alguns autores (HOMEM, 2020; PENSO; SENA, 2020; LARTIGUE, 2020) a pandemia acabou revelando elementos das relações conjugais que não eram percebidos na correria do dia a dia, colocando os parceiros imersos em uma convivência que lhes possibilitou olhar para a relação e para si mesmos, para os acordos feitos, as insatisfações, a própria escolha do cônjuge, bem como os modelos relacionais empreendidos, o que desvelou alguns conflitos.

Diante desse cenário, o presente artigo visa discutir a natureza dos conflitos no casal frente à situação provocada pela pandemia que acarretou uma convivência intensa. Analisaremos se esses conflitos entre os casais são decorrentes da existência simultânea de dois modelos de conjugalidade: o tradicional e o igualitário, e atrelados à dinâmica de funcionamento inter e intrapsíquico de cada um. Abordaremos, ainda, as implicações da transmissão psíquica geracional nesse processo.

Em busca de compreender o que a pandemia trouxe e revelou na convivência a dois, utilizou-se um estudo qualitativo no qual foram empregadas, como material de análise, vinhetas clínicas derivadas de atendimentos realizados por uma das autoras do artigo, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) segundo as considerações éticas quando se utiliza material clínico, de acordo com Alvarenga *et al* (2012). Acrescido a isso foram mencionados relatos de casais de classe média urbana, presentes em veículos da mídia, e as experiências de um casal descritas no Instagram, também após autorização dos mesmos.

A análise de todo o material teve como referencial teórico a Psicanálise das Configurações Vinculares, baseando-se nas contribuições teóricas de Puget e Berenstein (1993) e René Kaës (2001, 2011, 2014) (GOMES, 2012), contemplando o estudo da relação que se estabelece no espaço do “entre” os sujeitos, isto é, no espaço intersubjetivo e inconsciente do vínculo que é construído pelos sujeitos (LEVISKY, 2021). Além disso, considerou-se as contribuições dos estudos psicossociais e dos textos acerca da pandemia de COVID-19.

2 Conjugalidade e pandemia

A pandemia pode ser vista como uma das maiores crises já enfrentadas pelos casais e famílias, na atualidade. Todos foram convocados para se adaptarem a condições até então inéditas. De uma hora para outra, os casais perderam o apoio da escola, das

atividades extracurriculares, dos avós que foram afastados do convívio familiar, dos amigos, de seus funcionários, o trabalho passou a ser remoto e o desemprego aumentou.

O isolamento social, o excesso de informações, a mudança repentina na rotina do dia a dia, o perigo permanente de contágio, a experiência de perdas financeiras e os lutos constituíram situações que geraram altos índices de ansiedade e de angústia em muitas famílias e casais (KERBAUY; BARTILOTTI; SNEIDERMAN; 2020). As inúmeras mudanças e demandas inesperadas provocadas pela pandemia de COVID-19 juntamente aos seus impactos sociais e econômicos acarretaram uma instabilidade no psiquismo semelhante às situações de crise, conforme as autoras acima.

Uma das notícias mais frequentes com a qual nos deparamos na mídia, como nas reportagens da BBC News⁴ e da Revista Época⁵, e em nossa rotina na clínica ou com pessoas próximas, foi a do aumento das separações dos casais em meio a pandemia. A reportagem da Revista Época (2020) apresenta a partir dos dados levantados pelo Colégio Notarial do Brasil (CNB/CF) que apenas em junho, do mesmo ano, houve uma alta de 12% de divórcios em relação ao ano precedente. Dos 27 estados brasileiros, 24 registraram crescimento frente ao mês anterior, sendo Amazonas e Piauí os que mais dobraram seus divórcios.

Esses números precisam ser mais bem estudados e detalhados, pois na reportagem da BBC News há uma discordância sobre esse aumento dos divórcios apresentado na matéria da Revista Época. A matéria da BBC News faz menção a fala de Andrey Guimarães Duarte, vice-presidente do Colégio Notarial do Brasil (CMB), na qual o próprio diz à revista Crescer (2020), publicada em setembro, que seria cedo para confirmar uma tendência de crescimento. Na sua visão, o aumento no número de divórcios também poderia ser atribuído a uma demanda reprimida após o fechamento dos cartórios nos meses de março e abril do mesmo ano (BBC News, 2020).

Sobre essa questão do divórcio, dados divulgados recentemente pelo IBGE⁶, em fevereiro de 2022, indicam que houve uma diminuição de 13,6% no número de divórcios no Brasil em comparação com o ano anterior: 331,2 mil divórcios no 1º ano da pandemia e 383.286 em 2019. Contudo, cabe a ressalva de esperar os números do total de divórcios

⁴ Matéria publicada na internet, no endereço eletrônico: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55182269>, em 07/12/2020

⁵ Matéria publicada na internet, no endereço eletrônico: <https://epoca.globo.com/brasil/divorcios-crescem-54-no-brasil-apos-queda-abrupta-no-inicio-da-pandemia-24635513>, em 12/09/2020

⁶ <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?edicao=10697&t=resultados>

que ocorreram em 2021 para a compreensão do impacto que o prolongamento do tempo pandêmico e da flexibilização das medidas de isolamento tiveram nesses dados apresentados em 2020.

No mais, dentre as notícias veiculadas, há relatos de terapeutas sobre o aumento da demanda por atendimentos, inclusive, pedidos de terapia de casal, dado que também apareceu em eventos de Psicologia, na nossa própria clínica, na de colegas e nos casos encaminhados para algumas instituições. Percebeu-se, nesses atendimentos, que as queixas trazidas pelos casais, sobre a maior convivência, se referiam à uma demanda anterior à pandemia, algo que já estruturava essas relações, o que vai em direção aos apontamentos de Homem (2020), Lartigue (2020), Penso e Sena (2020), Silva *et al.*, (2020). Dessa forma, a pandemia pode ser vista como um agente catalisador que acelerou a decisão dos casais em buscarem a psicoterapia, que se apresentou como uma oportunidade de pensarem sua relação, seus acordos, naquilo que os incomoda (HOMEM, 2020; PENSO; SENA, 2020; LARTIGUE, 2020).

Mas o que estaria ocasionando essa procura pela terapia e/ou essas separações? Quais conflitos ficaram mais intensos na pandemia? Esses conflitos estariam atrelados ao funcionamento intra e intersubjetivo e associados à coexistência dos modelos relacionais? O que a pandemia trouxe à tona que fez com que muitos casais sucumbissem?

Homem (2020) compreende esse cenário a partir da alusão de uma “lupa”, no sentido de a pandemia ter colocado ênfase em aspectos que anteriormente não eram vistos ou eram mascarados na correria diária. Dentro de casa, com uma convivência intensa, as pessoas tiveram que olhar para esses aspectos, para essa pessoa que se escolheu como par, bem como para os acordos feitos na relação e para o que a sustenta. De repente, a dupla que se via por algumas horas durante a semana, com cada um tendo sua rotina individual muito bem estabelecida, foi lançada para uma rotina 24 horas dentro do mesmo espaço, no caso daqueles que moram juntos (HOMEM, 2020; PENSO; SENA, 2020).

Okamoto (2021) corrobora a observação dessa intensa concentração das atividades familiares no cenário doméstico provocada pela pandemia. Conforme a autora, a casa passou a ser palco das aulas e do trabalho remoto, gerando desde um aprofundamento dos vínculos até uma acentuação de conflitos existentes. Apoiada em dados apresentados pela ONU Mulheres, a autora menciona que em alguns casos chegou-se ao extremo da ocorrência de violência doméstica. Nesse sentido, Homem (2020, p. 26) expõe que na ausência de espaços ou oportunidades do lado de fora que anteriormente colaboravam para a descarga de tensão, “então há que se aumentar a carga de assédio em

casa”, questionando sobre o crescimento esperado da violência doméstica no período de isolamento. Nesse cenário, “quando ficamos ‘trancados’ em casa, a panela explode sua pressão na orelha da mulher, essa personagem quase mítica sobre a qual há milênios projetamos (quase) todo o mal” (HOMEM, 2020, p. 26-27). Deste modo, em um momento de enclausuramento, esses aspectos da dominação de gênero estruturada socialmente e expressada nas relações amorosas desde tempos remotos, se reatualiza, podendo gerar as situações de violência assinaladas pelas autoras. Assim, a questão de gênero será retomada ao longo do texto.

Além desses aspectos, foram múltiplas situações e adaptações frente ao desemprego, ao trabalho remoto, à perda da rede de apoio, gerando uma intensidade a qual os casais não estavam habituados. Em meio a isso, houve ainda as inseguranças e angústias decorrentes dos adoecimentos e mortes ocasionadas pela COVID-19 e o medo em relação ao pós-pandemia para se lidar nesse período (PENSO; SENA, 2020).

O aumento do convívio, a divisão de tarefas domésticas, o cuidado com os filhos, a falta de lazer, a dificuldade dos cônjuges em manejar a intimidade, todos esses componentes aumentaram a possibilidade de conflitos e desentendimentos levando os casais a entrar em crise. Alguns não aguentaram os conflitos causados pela convivência intensa com o parceiro ocasionada pelo isolamento social e a falta de lazer e se separaram, outros se redescobriram. Complementando, todo esse contexto favoreceu o risco de violência doméstica, conforme já mencionado, sendo que o uso de álcool e drogas e a diminuição de ajuda externa também contribuíram para esse cenário devastador na família (SILVA *et al.*, 2020).

Schmidt *et al.*, (2020) afirmam que a sobreposição destes agentes estressores (intensa convivência, dificuldades financeiras, perda das redes de apoio) tende a levar as famílias a estados de vulnerabilidade, em especial aquelas que tinham alguma fragilidade anterior à pandemia. Contudo, a convivência amorosa sempre implicou desafios para os parceiros, a pandemia não sendo uma exceção. Penso e Sena (2020) sinalizam apoiando-se em Ferés-Carneiro (1998) que a existência do eu, o tu e o nós exige o uso de todos os recursos disponíveis para equilibrar esse convívio. Dessa forma, o confinamento nestes tempos de COVID -19 traz uma dificuldade a mais para o equilíbrio dos casais que precisam administrar adequadamente aspectos da individualidade de cada um e da conjugalidade, o que leva as autoras a questionarem como fica a adaptação desses acordos diante desse convívio em excesso em tempos pandêmicos.

Segundo Penso e Sena (2020), a partilha dos serviços domésticos, especialmente em casos em que o funcionário do lar teve de ser dispensado devido ao risco de contaminação pelo vírus, bem como o período de trabalho e lugar da casa para o mesmo, o horário das refeições, o cuidado com os filhos que também tinham suas atividades remotas, enfim, os vários aspectos do cotidiano necessitaram ser discutidos nessa nova rotina conjugal e familiar. Contudo, vale destacar que os dados apresentados pelas autoras representam apenas uma pequena parcela da população brasileira.

Não obstante, dentro dessa nova rotina conjugal, o efeito lupa da pandemia desvela a existência de relações que ainda se alicerçam sob uma desigualdade entre as mulheres e os homens, montando um quadro em que estes últimos se voltam para o trabalho, seja remota ou presencialmente, enquanto as mulheres ainda ficam com os cuidados com a casa e os filhos, como no passado, com a diferença de que elas também precisam conciliar esses cuidados com a vida a dois, os cuidados consigo mesmas, além do trabalho que escolheram (HOMEM, 2020).

Na mesma direção, Penso e Sena (2020) entendem que nessas negociações e o que é vivido dentro dos lares pode revelar o machismo, uma estrutura desigual entre homens e mulheres, mencionando que independente do contexto socioeconômico, dentre as diferentes queixas das mulheres que continuaram trabalhando, se encontra ainda a responsabilidade com os afazeres domésticos e com as atividades escolares dos filhos.

Lartigue (2020) tece algumas considerações a partir do atendimento a pacientes em sua clínica. Seu público é formado em sua maioria por pessoas que vivem principalmente em famílias com o modelo nuclear conjugal e uma minoria, em famílias extensas ou monoparentais, ou mulheres que vivem sozinhas. O predomínio é de pessoas de nível socioeconômico médio-alto e faixa etária varia entre 20 e 70 anos. A autora afirma que é notável que os homens com 45 anos ou mais não colaboram nas atividades domésticas, pois as mesmas parecem fazer parte apenas dos "estereótipos femininos", correspondendo exclusivamente às mulheres. O papel de identidade de gênero masculino que foi por ela observado é o de provedor econômico, protetor, responsável pelo bem-estar e a segurança da família, da mesma forma que seus pais e avós fizeram. Diante disso, questionamos: será que casais com idade inferior a 40 anos tem o modelo igualitário mais estabelecido?

Nesse sentido, Lartigue (2020) indaga se a pandemia mudou alguns dos papéis da identidade de gênero masculino. Em casais jovens com filhos, observou-se que estes já compartilhavam o trabalho doméstico, o que pode ser visto como uma transformação nos

papéis de identidade de gênero. Todavia, parece ainda que o modelo de masculinidade que decreta que os homens devem ter potência sexual, física, bélica, intelectual, moral, econômica e política, ainda está presente em um bom número das famílias latinoamericanas. Lartigue (2020) pondera se isso se refere ao peso do modelo tradicional.

Silva *et al* (2020) afirmam que os valores de gênero tradicionais, isto é, aquilo que foi estabelecido socialmente para a constituição identitária do masculino e do feminino, quando vivenciados de forma rígida e apreendidos por meio da família e da cultura, tendem a prejudicar a flexibilidade do casal, dificultando a comunicação e a intimidade. Assim, continuar reproduzindo as tarefas e características do feminino como o cuidado com a casa e com a família, e do masculino com o papel de prover o lar e de autoridade, torna-se um risco, especialmente em momentos de crise como a que estamos vivendo. Esse risco se deve, pois, aos engodos que essa reprodução pode ocasionar na convivência a dois, bem como conflitos e dominação de poder entre os parceiros.

Em paralelo, observa-se que atualmente a busca por valores igualitários de gênero são considerados como processos protetivos, pois propõem uma divisão equitativa de direitos e deveres entre os parceiros, ao contrário do modelo tradicional, em que a distribuição de tarefas dentro e fora de casa muitas vezes não contempla as demandas de homens e mulheres, tendendo a privilegiar os cuidados com o homem (SILVA *et al*, 2020). Porém, ainda que sejam considerados processos protetivos, percebe-se uma persistência na reprodução cultural dos papéis do passado. Isso aponta para um período de transição entre os aspectos tradicionais e os ecos das novas maneiras de amar nos vínculos contemporâneos, observado por Cypel (2016), Gomes (2013) e Lins (2017).

Por outro lado, Sousa *et al* (2020), em estudo nacional, sugerem que uma maior participação masculina nas atividades domésticas, durante a pandemia, apareceu como uma forma de ocupação e ressignificação para esses homens. Nesse ponto, recorda-se do diagrama chinês de crise: a pandemia pode representar mais uma oportunidade para que valores tradicionais de gênero possam ser flexibilizados em busca de relações mais simétricas.

Os casais em crise na pandemia estão imersos numa verdadeira encruzilhada: de um lado paralisados em meio a conflitos, discussões, impotências e até a separação; do outro lado, uma oportunidade de transformação, de se reinventar, de desenvolverem recursos que só surgem no meio de uma crise: flexibilidade, intimidade, valores de igualdade entre os gêneros, crenças de competência familiar e uma comunicação aberta, clara e empática, entre outros (SILVA *et al*, 2020). Assim, essa maior convivência

similarmente parece ter mostrado como está se dando a passagem do modelo tradicional para o modelo contemporâneo nesses casais, o que consideramos de importância discutir em busca de compreendermos a simultaneidade dos modelos e como a pandemia contribuiu para o surgimento dos conflitos.

O modelo contemporâneo é composto de diferentes configurações familiares e conjugais, em que os papéis não estão mais pré-determinados e os indivíduos buscam maior liberdade e autonomia, fazendo com que lhes seja exigido um maior trabalho psíquico para manter a relação estável e saudável. Esta modalidade é marcada pela pretensão e tentativa de uma igualdade entre os parceiros, tendo influência do feminismo, o qual também contribuiu para o investimento das mulheres em sua carreira e seu ingresso em cursos do Ensino Superior, inclusive os que antigamente eram ocupados somente pelo público masculino. Em decorrência disso, muitos casais se constituem como casais de dupla carreira, que buscam dividir as tarefas do lar e o cuidado com os filhos.

A relação amorosa, nesses casos, é estabelecida nos moldes do “relacionamento puro” abordado por Giddens (1993), em que a união se estabelece de acordo com os interesses do indivíduo e a partir do que pode obter, em termos de satisfação, nessa união; em que prevalece a troca, o prazer, a democracia e igualdade entre os pares. Esse arranjo foi possibilitado por transformações sociais que redimensionaram o feminino e o masculino, o que acabou por incidir no âmbito da intimidade. Além disso, houve um processo de flexibilização dos contratos tradicionais do passado, deixando a manutenção das relações por conta dos envolvidos (ZANETTI, 2012). Gomes (2013) ressalta a maior complexidade relacional no exercício dos novos papéis e funções dos homens e mulheres, enquanto Ramos (2003) nos alerta para uma maior exigência de maturidade emocional quanto maior a autonomia dos sujeitos.

Dentro da intimidade, do espaço do lar, a tentativa de igualdade pode se dar por meio da divisão das tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos, visto que ambos os sexos demonstram estarem nesse movimento de igualdade que é propagado nas mídias e socialmente, como Jablonski (2010) observou em seu estudo. Apesar disso, o autor verificou que as mulheres que trabalhavam fora de casa ainda se ocupavam com o lar e os filhos, entendendo que esses cuidados ainda eram realizados mais por elas do que pelos maridos, que estavam presentes mais em sentido de prestar auxílio. Todavia, os homens, ao falarem sobre essa divisão, se conferiam uma participação maior, o que levava as parceiras a se sentirem mais demandadas.

Não obstante essa diferença nos discursos e o que de fato acontecia no dia a dia, não foi considerado uma fonte de conflitos entre os parceiros, o que, segundo o referido autor, podia ser entendido como mais uma influência dos papéis de homem e mulher do modelo tradicional, indicando um longo caminho para a construção de uma relação igualitária. Esses dados só confirmam a existência concomitante dos dois modelos de relação: o tradicional e o contemporâneo, indicando que há conflitos nessa nova configuração assim como havia na complementaridade tradicional.

No modelo tradicional os papéis de gênero são bem delimitados, cabendo ao homem a função de prover e a mulher, as funções de cuidados com a casa e os filhos (MEZAN, 2003; RAMOS, 2003; GIDDENS, 1993). Homens e mulheres ocupam, então, papéis que visam uma complementaridade para que a convivência a dois seja harmônica. Para a mulher, cabe o cuidado com o lar, os filhos e o marido, sendo esse o espaço em que pode se realizar, enquanto para o homem está destinado o espaço público, o lugar de provedor e de autoridade e de ser o ativo (DEL PRIORE, 2006), de modo que o patriarcalismo atravessa esse modelo. Essa complementaridade funcionou por muito tempo enquanto um meio para evitar os conflitos maritais e a aspiração de igualdade entre os homens e as mulheres (MEZAN, 2003; RAMOS, 2003).

Para Gomes (2013), esse modelo tradicional conjugal e familiar está em sintonia com os apontamentos de Freud acerca de como o feminino e o masculino se complementam em suas funções, o que pode operar ainda nos dias atuais em dados arranjos maritais que sofrem a interferência da transmissão de determinada herança geracional.

Assim, embora haja essa pretensão por igualdade e por uma configuração conjugal pautada em valores contemporâneos, conforme explicitamos acima, percebe-se que ainda há a permanência do modelo tradicional nessas relações (GOMES, 2013; JABLONSKY, 2010), o que pode vir a se manifestar por meio de sintomatologia e conflitos em alguns vínculos. Segundo Gomes (2013), a contradição que atravessa as modalidades de relação amorosa na atualidade e os modelos da família de origem transmitidos pelas gerações precedentes podem interferir nos conflitos do casal. Continuando, a autora questiona, a partir das várias formas de se relacionar, até que ponto ambos os cônjuges têm consciência do que receberam como herança, visto que há uma relação de dívida e crédito com os conteúdos herdados. Portanto, cabe a cada um o trabalho psíquico de se apropriar, transformar e repassar posteriormente esse legado.

Diante de uma maior simetria entre os pares e de uma vivência conjugal diferente do passado, ainda observamos os mesmos conflitos, ou seja, homens e mulheres insatisfeitos, pois, embora haja o vislumbre de um modelo igualitário entre os casais, na prática, ainda vivemos em uma sociedade com traços do patriarcalismo em que o modelo pretendido ainda não se concretizou totalmente. Na pandemia, esses fatores têm se evidenciado, pois, na medida em que se esperava que principalmente os casais mais jovens, por se proporem a uma relação mais igualitária, conseguiriam passar pela experiência de isolamento de maneira mais harmônica, se observou dificuldades.

Daí levanta-se as seguintes questões: O que impede a total passagem do modelo tradicional para o igualitário? Será que os casais estão sintônicos com o modelo que estão construindo? Com isso, podemos levar em conta não apenas o que se passa no plano racional e consciente na construção amorosa, mas também as ressonâncias dos aspectos internos em termos subjetivos, simbólicos e psíquicos que compõem concomitantemente essa construção. Deste modo, outro aspecto a ser considerado é que se relaciona aos questionamentos acima diz respeito à influência da transmissão psíquica- conteúdos que os parceiros carregam consigo, de modo intrasubjetivo e intersubjetivo, e que determinam o modo de ser casal, o que será discutido a seguir.

2.1 Transmissão psíquica e conjugalidade

Não obstante as mudanças que ocorreram no âmbito social, ainda há modelos relacionais do passado que podem ser transmitidos entre as gerações dentro do grupo familiar. Segundo Passos (2005), em função da família mediar as dimensões social e psíquica, nem sempre essas se acompanham mutuamente, o que mostra algo no plano intrapsíquico que ainda não engloba essas transformações sociais na mesma velocidade em que elas acontecem.

Kaës (2001; 2011) compreende o sujeito como aquele que se constitui a partir do vínculo que estabelece com aqueles que o precedem. É na inserção dentro desse grupo que o sujeito recebe conteúdos, como mitos, tabus, afetos, tradições, costumes culturais, modelos de conjugalidade. De acordo com o autor, pelo sujeito ser herdeiro e beneficiário, ele tem a possibilidade de se apropriar daquilo que recebe, de ocupar o lugar no conjunto a partir das alianças inconscientes que pactuou com seu grupo familiar, mas apesar de se constituir assim, o sujeito também em algum momento “terá de se soltar, sem todavia se libertar radicalmente” (KAËS, 2011, p. 221).

Nas relações que vão sendo constituídas, incluindo a conjugal, as alianças inconscientes serão pactuadas com o parceiro escolhido, o que leva os conteúdos intrapsíquicos para esse espaço compartilhado, de modo que se pactua algo de interesse em comum, ainda que os motivos permaneçam inconscientes aos parceiros (KAËS, 2011; 2014).

As alianças inconscientes são de relevância para o início de todo vínculo, mas também atuam para a manutenção do mesmo, produzindo uma realidade psíquica. Por se referirem a conteúdos psíquicos inconscientes, há um movimento para encobrir o que está por trás do acordo feito (KAËS, 2014). Os sujeitos utilizam mecanismos como a negação, o recalque, a denegação, a forclusão para se defenderem de algo que não pode vir à tona e que ameaçaria a continuidade da união empreendida pelos sujeitos que dela fazem parte (KAËS, 2014). O pacto denegativo se inscreve dentro deste tipo de aliança, sendo contratado pelos sujeitos para assegurar as defesas que eles precisam ao iniciar ou manter alguma união (KAËS, 2014). Nesse sentido, Kaës (2014) percebe que este pacto desempenha uma função metadefensiva para aqueles que o configuram, sendo estabelecido como uma forma de sanar alguns conflitos psíquicos que perpassam a relação empreendida por esses sujeitos.

Para que o pacto denegativo ocorra coloca-se como condição necessária o comprometimento por parte de cada sujeito, e a eleição de um objeto em comum que possam acreditar ou fingir acreditar, pois, uma aliança desse cunho não pode ser realizada somente por um dos sujeitos (KAËS, 2014). Por conseguinte, se essa crença em comum vier a ser abalada por alguma mudança no vínculo ou por parte de algum dos sujeitos ou desvelada de alguma maneira, pode ocasionar angústia justamente pelo fato de o pacto denegativo funcionar como um acordo inconsciente com a finalidade de manter recalcado o que não pode vir a ser conhecido (KAËS, 2014).

Diante disso, há um movimento duplo em qualquer mudança nos contratos, pactos ou alianças que alicerçam

a realidade psíquica comum e partilhada do vínculo que põe em causa a estrutura psíquica inconsciente de cada sujeito. Reciprocamente, toda modificação da estrutura, da economia ou da dinâmica do sujeito (por ocasião de uma cura, por exemplo, ou da adolescência, ou de um divórcio) se choca com as forças que sustentam as alianças concluídas no vínculo do qual o sujeito é parte ativa (KAËS, 2011, p. 228).

Deste modo, o conteúdo geracional das famílias de origem pode ter influência na conjugalidade, dificultando a elaboração daquilo que poderia concretizar o novo

pretendido em discurso, mas que na prática não se efetiva por ainda estar muito enraizado nos sujeitos, os levando a reproduzir modelos do passado.

Frente ao exposto, passaremos a discussão desses aspectos por meio das vinhetas.

3 Discussão

Os relatos a seguir são frutos da observação clínica de nossos atendimentos e por questões de confidencialidade apresentaremos trechos de falas sem qualquer tipo de identificação. No mais, complementaremos com relatos de casais na mídia em geral. Todos os nomes são fictícios e alguns dados foram modificados para garantir o sigilo, com exceção dos casos midiáticos.

Vinheta 1 - Isolamento parcial

Alguns casais ignoraram a recomendação de isolamento, outros o fizeram parcialmente. Roberto, 43 anos, é casado com Renata, 39 anos. A empresa onde Roberto trabalha ficou aberta e ele foi trabalhar regularmente todos os dias. A rotina de Renata foi extremamente impactada pois seu trabalho passou para o modo remoto, bem como a escola do filho. Ajudar o filho com as tarefas, dar conta da rotina da casa no período que ficaram sem funcionária e fazer suas atividades laborais remotamente criaram muitos conflitos para o casal. Os principais eram referentes à divisão de tarefas domésticas. O casal parecia viver em mundos paralelos. Brigavam, mas não conseguiam dialogar a fim de chegarem em alguma solução. Foram, assim, se desconectando e diminuindo o tempo de contato um com o outro.

Percebe-se nesse casal que o papel do homem como provedor se apresenta. Consequentemente atribui ao seu trabalho maior importância. A esposa, embora também profissional, fica responsável por cuidar do filho e das questões domésticas, o que remete aos papéis do modelo tradicional mencionados por Del Priore (2006); Giddens (1993), Jablonski (2010), Mezan (2003), Ramos (2003). Nesse sentido, Roberto afirma o que Lartigue (2020) observou sobre o papel de identidade de gênero masculino consistir ainda no de provedor econômico, protetor, responsável pelo bem-estar e a segurança da família, da mesma forma que os homens que lhe antecederam faziam no passado. Renata representa o estereótipo feminino desses cuidados, mesmo tendo seu trabalho.

Esse casal funciona então como representante de aspectos tradicionais e da desigualdade ainda existente em nossa sociedade, demonstrando como a pandemia

acentuou e atualizou a tradição patriarcal (PENSO; SENA, 2020; HOMEM, 2020). No caso em questão, parece que a divisão das tarefas da casa era resolvida com a presença da funcionária, mas quando esta precisou sair de cena, eles voltam a se comportar segundo a desigualdade dos modelos do passado. Levando em conta que o casal precisa se adaptar frente aos momentos de crise e como essa adaptação é possível a partir de como estabeleceram a relação (PENSO; SENA, 2020), depreendemos que os cônjuges encontraram uma solução baseada naquilo que era conhecido, a partir do legado geracional, causando conflitos e distanciamento entre eles. Não conseguiram instituir algo novo e criativo na medida em que a divisão das tarefas domésticas poderia ter como mote a disponibilidade concreta (quem estava em trabalho remoto e quem estava presencial) independente do gênero.

Vinheta 2 - O trio

Na atualidade há casais que se estabelecem a partir de um acordo de relacionamento aberto, em que a entrada de um terceiro, de um quarto ou quinto funciona como parte do relacionamento. Para o jovem casal, Antonieta e Bruno, cuja presença de um terceiro impulsiona a rotina conjugal, estar um com o outro se apresentou como um desafio, perpassado pelas demais questões da pandemia. A situação nova vivida gerou conflitos que os levou a procurarem terapia de casal. Nesse espaço puderam se debruçar sobre os acordos estabelecidos, inclusive frente ao desejo da inclusão de outros e os desentendimentos que essa prática ocasionava ao vínculo.

Nesses casos, em que a presença de um outro é permitida e parece funcionar enquanto algo que traz movimento para a vida a dois, como lidar com a perda disso em meio à situação de isolamento provocada pela pandemia de COVID-19. Fechados dentro do lar, haveria a necessidade de repactuar o que os unia como estratégia de resolução dos conflitos que surgiram?

O modelo de relação aberta é recente e carrega o traço contemporâneo de uma pretensa igualdade entre os gêneros em termos de experiências com outras pessoas. No caso de Antonieta e Bruno, mesmo tendo pactuado essa abertura, apresentavam dificuldades para vivenciá-la na prática, principalmente da parte dela. Nesse ponto, remetemos ao período de transição vivenciado pelos casais entre os modelos contemporâneos e os resquícios da tradição, conforme apontado por Cypel (2016), Gomes (2013) e Lins (2017), e os engodos que isso pode ocasionar por esses novos arranjos

ocorrerem em uma sociedade que ainda carrega valores tradicionais, entre eles, o de exclusividade entre os parceiros. Ao lado disso, quando abordamos os aspectos psíquicos e simbólicos a partir da Psicanálise Vincular, supomos, assim, que há algo em nível intrapsíquico que dificulta essa passagem, ainda que no plano intersubjetivo tenham acordado essa possibilidade.

Com base nos apontamentos de Kães (2011; 2014) acerca da transmissão psíquica, entendemos a dificuldade do casal Antonieta e Bruno em se desvencilharem dos modelos das famílias de origem e se permitirem vivenciar algo novo para além do discurso manifesto. De certo modo, isso também denota uma desigualdade nessas formas de relacionamento quando um tem mais experiência que o outro, desigualdade esta acompanhada pelo que cabe à cada um dentro de seu papel de gênero, como mencionado por Homem (2020) e Penso e Sena (2020). Portanto, embora pretensamente assumidos numa relação não tradicional, a pandemia expôs as ambiguidades do viver a dois. Como outros casais, as questões conflitivas eram anteriores à pandemia, assim como Homem (2020), Lartigue (2020), Penso e Sena (2020), Silva *et al.*, (2020) constataram, e foram evidenciadas na ausência de um terceiro, tal qual a saída da funcionária na vinheta 1.

Esse exemplo clínico demonstra o trabalho terapêutico que foi oportunizado ao casal de olhar um para o outro, com ênfase na alteridade, para os fatores que incomodam e angustiam e para o que os moveu e os estagnou enquanto indivíduos e no vínculo conjugal. A busca pela terapia de casal se tornou uma possibilidade de refazer o pacto ou de se estabelecer novos pactos que contemplem os desejos de ambos.

Vinheta 3 - O extraconjugal

Alguns parceiros necessitam de um terceiro, mas no espaço de fora da relação, caracterizando uma relação extraconjugal. Renan costumava sair com garotas de programa muito antes de se casar com Joana. Nos primeiros anos de casado conseguiu evitar, mas depois do nascimento da primeira filha, voltou a ter esse comportamento sempre escondido da esposa. Renan e Joana evitaram encontrar amigos e parentes durante o isolamento, dispensando também a funcionária. Mas no espaço secreto da vida de Renan o perigo da COVID-19 não chegou e ele continuou se expondo.

O funcionamento do casal nos remete ao modelo tradicional em que o homem tinha casos extraconjugais e a mulher não tinha conhecimento, além de um desencontro entre os acordos necessários para a prevenção do vírus. Esses cuidados ocorreram da parte

de Joana, mas não de Renan e ela, ao não perguntar sobre as saídas do marido, parece ter encontrado um meio de evitar conflitos na relação. Nesse caso, o terceiro é um não dito na relação, nos aludindo ao pacto denegativo mencionado por Kaës (2011, 2014), em que há algo não conversado entre eles, uma área de não ditos, uma negação em comum. Há, até mesmo, uma negação da realidade do vírus por parte de Renan. Tendo isso em vista, supomos que para Joana e Renan não houve um momento de confronto dos acordos estabelecidos e sim uma continuação do não dito.

Vinheta 4 - Aqueles que se separaram

A seguir o relato de um casal que se separou na pandemia. Richard, 41, e Rafaela, 31 anos, ficaram 12 anos casados e se separaram em novembro passado. Segundo Rafaela, “a pandemia não poupou nada. Ela escancarou um relacionamento 24 horas por dia com dois filhos e o trabalho remoto. Muitas coisas não combinavam mais.”. Rafaela ainda acrescenta:

“Houve momentos de raiva e desacordo, de jogar a situação um contra o outro”, lembra. “Usar máscaras, voltar para a casa e logo tomar banho, levei tudo (medidas de proteção) muito a sério. A visão dele era diferente. Acho engraçado agora, mas ficamos muito irritados quando aconteceu” BBC News (2020).

Segundo Richard: “começamos a brigar por causa de tudo. Coisas fúteis e sem importância [...] o isolamento era muito rígido, não podíamos sair de casa, nem mesmo para tomar um ar. E acho que no começo não aceitei todo esse rigor.” Assim, o fechamento criou um contexto de tudo ou nada devido à intensidade da convivência. As relações ficaram saturadas provocando muitas reflexões e ações, entre elas a separação.

Percebemos na fala desse casal o que os autores como Homem (2020) e Lartigue (2020) mencionam como a pandemia catalisou aquilo que ficava camuflado na rotina pré-pandêmica e que, ao ser desvelado, levou à dissolução de alguns casais. Como explicitado por Rafaela, os dois conviveram bem durante os 12 anos de união, mas algo do estar com o parceiro por 24 horas tornou-se intolerável. Ponderamos, diante disso, sobre o pacto feito pelo casal: a conjugalidade só se mantém pela vertente da individualidade. Hipotetizamos que, as conflitivas relativas à conjugalidade se dissipavam frente a vivência externa ao lar, que ambos necessitavam e que tinha por função a manutenção do casamento. Sob esse aspecto, a pandemia adveio para esse casal como um abalo ao vínculo, que ao revelar o que estava por trás dessa relação, a levou à dissolução (KAËS, 2011, 2014).

Vinheta 5 - Abandonados um ao outro

Há também aquele casal que permaneceu junto diante das transformações suscitadas por esse momento de crise, como podemos ver no relato de Ângela e Francisco nas redes sociais.

Ângela escreve:

Hoje comemoramos 21 anos juntos e você continua me surpreendendo a cada dia. Neste ano, você que adorava a rua e o contato com as pessoas, se reinventou: aprendeu a cozinhar, a cuidar das plantas, a limpar, lavar e desinfetar, a ficar muito bem na nossa casa e, juntos, conseguimos transformar um momento difícil em oportunidade de estreitar a nossa convivência, intimidade, amor e a tirar bons frutos da crise. Juntos e, também, cada um no seu canto, fizemos da nossa casa um lugar de trabalho, de exercícios, de reflexão, de lazer, de festa, de prazer, de cuidado. Na sua companhia tudo fica mais fácil de ser enfrentado. Por isso tudo é que, a cada dia, a minha admiração por você só cresce e confirmo que é com você com quem quero estar todos os dias. Te amo cada vez mais (Instagram, 2020).

Francisco responde:

Amor, 21 anos juntos. As minhas surpresas nascem do nosso encontro. Adorava a rua porque lá dançávamos, cantávamos, encontrávamos nossos amigos. Convergíamos um para o outro. Na pandemia ficamos abandonados um ao outro. Apreendi a cozinhar para nos nutrir. A cuidar de plantas para cuidar do nosso lugar. Tudo o que aprendi foi para ficar mais perto de ti. Mais perto da paz que tu me trazes. Contigo aprendi a ser eu mesmo. Pude ver que sendo eu mesmo, fico cada vez mais perto de você (Instagram, 2020).

No presente relato constatamos que para Ângela e Francisco foi possível aproveitar esse período para se reinventarem pessoalmente e como casal. A convivência intensa promoveu novas descobertas no encontro com a alteridade de cada um. Usaram de recursos criativos para transformarem o lar num reservatório de preenchimentos mútuos e ilimitados, reforçando a importância do vínculo afetivo e tirando dele a esperança para enfrentar a dura realidade externa. A rotina intensa não os levou a separação, mas os fortaleceu, o que corrobora com as reflexões de Lartigue (2020) sobre o quanto os casais que possuíam um relacionamento e uma vida sexual plena previamente puderam intensificar ainda mais seus laços. Também notamos em Francisco uma participação nos deveres domésticos durante esse período, o que parece ter funcionado como uma forma de ocupação e ressignificação para ele, tal como Sousa *et al.*, (2020) constataram. Concomitantemente, houve uma ressignificação na convivência conjugal.

4 Considerações finais

Foram muitas as dificuldades enfrentadas pelos casais durante a pandemia com o aumento do convívio, fechados em suas casas, tendo que dividir tarefas, ajudar com a escola *on-line*, *home office* e desemprego, uma adaptação para uma vida toda dentro do espaço do lar. Essas situações concretas da pandemia se alastraram além do que imaginávamos, exigindo que os casais encontrassem recursos para atravessarem esse período.

Diante disso, podemos supor que a pandemia contribuiu, em alguns casos, para que se desvelasse o que estava encoberto, causando a angústia mencionada por Kaës (2014) quando os sujeitos se aproximam de descobrir o que está por trás do que os liga. Como um paradoxo, a situação de pandemia, dada sua natureza inimaginável, pode gerar nos cônjuges a revelação do que estava pactuado sem possibilidade de elaboração, levando-os a crise e, eventualmente à separação. Ou, como uma oportunidade criativa para estabelecerem novos pactos a partir de seus recursos intrapsíquicos e legados geracionais. Tomamos como referência a alusão de Homem (2020) acerca de uma “lupa” reveladora cujo objetivo é trazer à tona os elementos oriundos de gerações anteriores, colocando por terra a suposta relação democrática, revolucionária que se acreditava estar vivenciando.

Nesse sentido, se imaginávamos que os casais jovens teriam uma facilidade maior em lidar com as divisões de tarefas nesse período, fomos surpreendidos pelos resquícios do modelo tradicional presentes através dos conflitos conjugais exemplificados nas vinhetas aqui apresentadas. Por outro lado, foi justamente num casal com maior convivência que observamos a possibilidade criativa de se reinventarem. Assim, não é apenas pela passagem do tempo que a tão desejada igualdade entre os gêneros, no casal e na família, se instalará na contemporaneidade de modo harmônico e total.

Constatamos, então, que toda a influência do mecanismo de transmissão psíquica, enfatizado no material elencado, exige um trabalho de elaboração para que o novo possa surgir, o que demanda um suporte para isso. Em um mundo pandêmico que veio para revelar o que se repete e o que pode ser transformado, supomos que o que está sendo vivido hoje, - ou melhor, aquilo que se intenciona viver - talvez só seja possível daqui a algumas gerações. Para isso, não só no interior das famílias o modelo igualitário precisa se tornar norma como a nossa própria sociedade deve cada vez mais ter como lema o respeito universal aos direitos de ser e viver de cada um.

Finalizando, para os casais cujo relacionamento amoroso e sexual estava harmonioso, a intensa convivência dentro do espaço doméstico possibilitou um fortalecimento e um aprofundamento dos laços afetivos da dupla. Foram capazes de suportar angústias e frustrações, reinventando suas rotinas, mantendo a criatividade, a fé e a esperança no futuro.

Nossas reflexões nos levaram também a pensar nos casais que se formaram durante esse período, embora esse não fosse o objetivo de nosso estudo. Aqui observamos outro movimento paradoxal, ou seja, alguns rapidamente passaram de namorados a coabitantes do mesmo espaço físico, em função das dificuldades impostas pelo isolamento. Na contramão dos que estavam há muito tempo casados e não aguentaram a convivência intensa e se separaram. Concluímos então que, se a situação de pandemia por COVID-19 em nosso país por um lado gerou forte interferência na vida dos casais, ela também facilitou o surgimento de novos laços e a repactuação de outros; segundo as determinações psíquicas dos envolvidos e de suas histórias geracionais.

Referências

- ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A.; LEVANDOWSKI, D. C. ; FRIZZO, G. B. ; MARIN, A. H; VILLACHAN-LYRA, P. Questões éticas da pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.I.], v. 32, n. 4, p. 856-871, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000400007>.
- CYPEL, L. R. C. Psicanálise dos vínculos de família e casal e a subjetivação do indivíduo nos tempos atuais. In: GOMES, I. C; FERNANDES, M. I. A.; LEVISKY, R. B. (orgs.) **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal**. São Paulo: Escuta, 2016. p. 65- 76.
- DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ÉPOCA. **Divórcios crescem 54% após queda abrupta no início da pandemia**. Responsável: Rodrigo Castro. Reportagem Revista Época. Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/divorcios-crescem-54-no-brasil-apos-queda-abrupta-no-inicio-da-pandemia-24635513>. Acesso em 12 set. 2020.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- GONDIM, A. **Texto do post**. Fortaleza, 15 de novembro de 2020. Instagram: usuário Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHm0N-Xnbgw/>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- GOMES, I.C. Psicanálise de Família e Casal: Novos Constructos Teóricos? In: GOMES, I.C.; FERNANDES, M. I. A.; LEVISKY, R. B. (org.). **Diálogos Psicanalíticos sobre família e casal**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2012. p. 19-32.

GOMES, I.C. Conflitos conjugais e transmissão psíquica geracional: das históricas de Freud à mulher atual. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e família**: transmissão, conflito e violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 177 - 189.

HOMEM, M. **Lupa da Alma**: quarentena-revelação. São Paulo, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas do Registro Civil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?edicao=10697&t=resultados>. Acesso em: 20 abr. 2022.

JABLONSKY, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n.2, p. 262 – 275, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932010000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio. 2019.

KAËS, R. Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In: KAËS R.; FAIMBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J. J. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. s.p.

KAËS, R. **Um singular plural**: a psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

KAËS, R. **As alianças inconscientes**. [trad. José Luis Cazarotto] - São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

KERBAUY, R.; BARTILOTTI, M. B.; SNEIDERMAN, S. Reflexões sobre o impacto da pandemia de COVID-19 nas relações conjugais e familiares: contribuições da Psicoterapia Psicanalítica. **Passages de Paris**, [S.I.], n. 19, 2020.

LARTIGUE, T. Papéis masculinos durante a pandemia. Alguma transformação? **Asociación Psicoanalítica Mexicana**. Outubro 2020. Traductor André Moreira da Silva

LEVISKY, R.B. Psicanálise Vincular. In: LEVISKY, R.B.; DIAS, M.L.; LEVISKY, D. **Dicionário de psicanálise de casal e família**. São Paulo, Blucher, 2021.

LINS, R. N. **Novas formas de amar - nem tudo vai ser como antes**: grandes transformações nos relacionamentos amorosos. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

MEZAN, R. Adão e sua costela: busca de felicidade e crise atual no casamento. In GOMES, P. B. **Vínculos amorosos contemporâneos**: Psicodinâmica das Novas Estruturas Familiares. São Paulo: Callis, 2003. p. 159-171.

NEWS, BBC. **A covid acabou com nosso casamento**: os casais que se separaram durante a pandemia. Responsável: Emma Ailes. Reportagem BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55182269>. Acesso em: 07 dez. 2020

OKAMOTO, M. Y. Re-pensando a vincularidade em tempos de pandemia. **Revista Espaço Acadêmico**, [S.I.], v. 20, p. 61-69, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57155>. Acesso em: 02 mar. 2021.

PASSOS, M. C. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: FERÈS-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e casal**: efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2005. p. 11-23.

PENSO, M. A.; SENA, D. P. A. Relações amorosas em tempos de isolamento social. In: VASCONCELOS, L. de M. GUIMARÃES, T. C., CARRETEIRO, J. R. N. (Orgs). **Janelas da pandemia**. Belo Horizonte: Editora Instituto DH, 2020. p. 155-164.

PUGET, J.; BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.

RAMOS, M. Novas Parcerias, Novos Conflitos. In GOMES, P. B. **Vínculos amorosos contemporâneos**: Psicodinâmica das Novas Estruturas Familiares. São Paulo, Callis, 2003. p. 57-75.

SCHMIDT, B.; SILVA, I. M.; PIETA, M. A. M.; CREPALDI, M. A.; WAGNER, A. Terapia On-line com Casais e Famílias: Prática e Formação na Pandemia de Covid-19. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, e243001, dec. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003243001>.

SILVA, I. M. da; SCHMIDT, B.; LORDELLO, S. R.; NOAL, D. da S.; CREPALDI, M. A.; WAGNER, A. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. **Pensando famílias**, [S.I.], v. 24, n. 1, p. 12-28, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 26 jan. 2021.

SOUSA, A. R.; SANTANA, T. S.; PALMA, E. M. S., SOUSA, A. F. L.; MOREIRA, W. C., REZENDE, M. F.; MERCES, M. C. SARS-CoV-2 no Brasil e as repercussões psicossociais na saúde masculina: Estudo sócio-histórico. **Preprints Scielo**. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/687/902>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ZANETTI, S. A. S. **A opção por não se vincular amorosamente de maneira compromissada entre as condições de existência contemporâneas e a herança psíquica geracional**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Recebido em: 08 de maio de 2021.

Aceito em: 12 de abril de 2022.